

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

A LITERATURA DO INCONSCIENTE: A CONSTRUÇÃO DO ONÍRICO NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR

Ana Clara Moliani Sobreira Moraes (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Aline Sanches (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

Contato: anamoliani7@gmail.com

Palavras-chave: Psicanálise; onírico; Literatura; Inconsciente; Clarice Lispector.

1. Sobre os sonhos

Sabe-se que as relações entre Psicanálise e Arte foram objetos de estudo de diversos pesquisadores, uma vez que os artistas sempre foram capazes de expressar processos psíquicos por meio de palavras, pinturas ou esculturas. A Psicanálise, que desde sua origem tem interesse nas obras de arte de diversos períodos ao longo da história, sempre buscou se explicar através de exemplos do campo artístico, este que se trata não apenas de uma “apreensão meramente intelectual; trata-se do estado dos afetos, da constelação psíquica” (FREUD, 1914, p. 184).

Desde o início da humanidade, os sonhos aparecem como fonte importantíssima de sabedoria, conhecimento, muitas vezes creditados como previsão do futuro e inspiração. A curiosidade sobre os sonhos tem sido revalorizada pelas neurociências, que se empenham em desvendar sua fisiologia e ativação de estruturas cerebrais, que também são guiadas pelos desejos mais íntimos e pelos medos mais gritantes; porém, continua sendo um fenômeno misterioso, uma vez que sua narrativa pode não acontecer de modo coerente (RIBEIRO, 2019). Como exposto por Clarice Lispector, ao descrever o movimento onírico de uma de suas personagens, em *O lustre* (1946, p. 220), “muito do seu passado não se realizará à flor do dia mas nos lentos movimentos do sonho, embora ela raramente pudesse lembrá-los”, ou seja, os sonhos mostram-se tanto como um processo fisiológico, quanto um processo da subjetividade humana.

Até o advento da Psicanálise, a ciência considerava os sonhos apenas como vísceras em movimento, atuantes no corpo tal qual a digestão, o batimento cardíaco ou a contração muscular, esvaziado de qualquer significado psicológico. Em 1900, porém, um psiquiatra austríaco, de origem judaica, mestre nas artes da neurologia e conhecedor dos movimentos biológicos humanos, escreve um livro que mudaria o caminho no qual os sonhos pareciam ter morrido: Sigmund Freud (1856 - 1939) publica o texto *Interpretação dos sonhos* e funda a Psicanálise.

Agora os sonhos podiam ser tidos como “história exterior e explícita, sim, mas que contém segredos” (LISPECTOR, 1977, p. 11). Há a ideia de que os sonhos são, sim, parte da biologia, mas também dizem respeito a partes, quase inalcançáveis por outros meios, da mente humana. Os acontecimentos de um sonho são muitas vezes claros - apesar de confusos e esquecíveis - mas carregam defesas, transformações características do que podemos chamar de processo de criação onírica, a fim de esconder e proteger a consciência do que é intolerável, mantendo, na história explícita, esses pequenos grandes segredos. “Freud apontou o sonho como canal privilegiado para a investigação da psique humana, por ser menos submetido à censura moral que regula os pensamentos da vigília” (RIBEIRO, 2019, p. 33).

Apesar da importância da Psicanálise para a retomada dos sonhos como fonte de conhecimento para a psicologia, nesta pesquisa, buscamos salientar a função criativa do

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

onírico, este tomado não apenas no aspecto individual - como muitas vezes é tido na interpretação psicanalítica - daquele que sonha, mas sim como parte de algo cultural, expandindo o onírico em dimensões coletivas.

Esse fundo criativo dos sonhos, porém, não estava originalmente na teoria freudiana, na qual estes são vistos como uma fonte de entendimento do inconsciente humano, aquilo de mais escondido, reprimido e escondido em cada um de nós. Em sua obra que fundou a Psicanálise, *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud descreve que

o sonho não pode ser comparado ao ressoar irregular de um instrumento musical que, em vez de ser tocado pela mão de um músico, é golpeado por uma força externa; ele não é despido de sentido, não é absurdo, não pressupõe que uma parte de nosso acervo de representações esteja dormindo enquanto outra parte começa a despertar. Trata-se de um fenômeno psíquico de pleno valor, é a realização de um desejo; deve ser inserido no contexto dos atos psíquicos compreensíveis a vigília; foi construído por uma atividade mental altamente complexa (FREUD, 1900, p. 155).

2. Sobre a Literatura e a Psicanálise

Tendo vasto conhecimento artístico como permeante de sua obra, é na Literatura que Freud reconhece questões que ele próprio postula na Psicanálise, ali demonstradas de modo poético e artístico, o que, apesar de dizer a mesma coisa, pode ser descreditado por não ser considerado ciência. É por esse motivo que Freud se ofendia quando chamavam suas teorias de literatura pura, por desacreditá-la como estudo científico. Os artistas, de alguma forma, podem saber das profundezas e minúcias da grandiosa pequenez humana, antes mesmo destas serem postuladas pela ciência - mas não sabem explicá-las.

A ponte entre a Literatura e a Psicanálise vem num momento, então, em que se faz necessário utilizarmos do texto literário como forma de explicar e entender a importância de alguns conceitos psicanalíticos, “visando uma ampliação do prazer da leitura, bem como exemplificando o alcance da sublimação através da arte de escrever” (FREITAS, 2001, p. 15). Segundo Freud (1907, p. 61), “a caracterização da vida psíquica humana é, de fato, o autêntico domínio do escritor. Ele sempre foi um precursor da ciência e, portanto, também da psicologia científica”. Além de expor que o poeta e o homem da ciência teriam como inspiração a mesma fonte, trabalhando com as mesmas questões, de lados e abordagens diferentes - porém complementares (FREUD, 1907). Freud (1907, p. 118) conclui que, desse modo,

nós desenvolvemos essas leis através da análise de suas obras, tal como as extraímos dos casos de adoecimento real, mas parece inevitável concluir que ou ambos, o romancista e o médico, compreendemos igualmente mal o inconsciente, ou ambos o entendemos corretamente.

Entende-se, então, que muitas vezes os limites entre a criação onírica e literária estão extremamente turvos. Ao mesmo passo que o escritor não compreende as forças que o fazem escrever, os determinismos inconscientes no seu processo criativo (FREITAS, 2001, p. 10), o sonhador também não explica de onde vem aquilo que para ele aparece no mundo dos sonhos:

para que escrevo? E eu sei? Sei não. Sim, é verdade, às vezes também penso que eu não sou eu, pareço pertencer a uma galáxia longínqua de tão estranho que sou de mim. Sou eu? Espanto-me com o meu encontro (LISPECTOR, 1977, p. 29).

3. Sobre a Literatura e a Psicanálise

Tendo vasto conhecimento artístico como permeante de sua obra, é na Literatura que

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

Freud reconhece questões que ele próprio postula na Psicanálise, ali demonstradas de modo poético e artístico, o que, apesar de dizer a mesma coisa, pode ser descreditado por não ser considerado ciência. É por esse motivo que Freud se ofendia quando chamavam suas teorias de literatura pura, por desacreditá-la como estudo científico. Os artistas, de alguma forma, podem saber das profundezas e minúcias da grandiosa pequenez humana, antes mesmo destas serem postuladas pela ciência - mas não sabem explicá-las.

A ponte entre a Literatura e a Psicanálise vem num momento, então, em que se faz necessário utilizarmos do texto literário como forma de explicar e entender a importância de alguns conceitos psicanalíticos, “visando uma ampliação do prazer da leitura, bem como exemplificando o alcance da sublimação através da arte de escrever” (FREITAS, 2001, p. 15). Segundo Freud (1907, p. 61), “a caracterização da vida psíquica humana é, de fato, o autêntico domínio do escritor. Ele sempre foi um precursor da ciência e, portanto, também da psicologia científica”. Além de expor que o poeta e o homem da ciência teriam como inspiração a mesma fonte, trabalhando com as mesmas questões, de lados e abordagens diferentes - porém complementares (FREUD, 1907). Freud (1907, p. 118) conclui que, desse modo,

nós desenvolvemos essas leis através da análise de suas obras, tal como as extraímos dos casos de adoecimento real, mas parece inevitável concluir que ou ambos, o romancista e o médico, compreendemos igualmente mal o inconsciente, ou ambos o entendemos corretamente.

Entende-se, então, que muitas vezes os limites entre a criação onírica e literária estão extremamente turvos. Ao mesmo passo que o escritor não compreende as forças que o fazem escrever, os determinismos inconscientes no seu processo criativo (FREITAS, 2001, p. 10), o sonhador também não explica de onde vem aquilo que para ele aparece no mundo dos sonhos: para que escrevo? E eu sei? Sei não. Sim, é verdade, às vezes também penso que eu não sou eu, pareço pertencer a uma galáxia longínqua de tão estranho que sou de mim. Sou eu? Espanto-me com o meu encontro (LISPECTOR, 1977, p. 29).

4. Sobre a Criação Artística Onírica

A literatura mexe com algo escondido, algo à margem da superfície, mas submerso em águas turvas, opacas e que aparentam ser sólidas. Escrever, assim como sonhar, significa entrar em contato com aquilo que de todas as formas, conscientes e inconscientes, sintomáticas ou não, tenta-se deixar escuro.

Freud muitas vezes tentou postular sobre o porquê dos poetas terem esse contato tão íntimo com o inconsciente a ponto de serem capazes de descrevê-los na literatura anos antes de um cientista fazê-lo. Segundo Freud (1907, p. 16),

os escritores são aliados valiosos e seu testemunho deve ser altamente considerado, pois sabem numerosas coisas do céu e da terra, com as quais nem sonha a nossa filosofia. No conhecimento da alma eles se acham muito à frente de nós, homens cotidianos, pois recorrem a fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência.

Freud ainda deixa o questionamento, referindo-se ao fato de que escritores, por algum motivo, teriam uma capacidade diferente das pessoas comuns ao encarar o próprio inconsciente:

se ao menos pudessemos encontrar em nós ou em pessoas como nós uma atividade que fosse de algum modo aparentada à criação literária! Investigá-la poderia nos dar a esperança de chegar a uma explicação do fazer poético. E de fato, essa possibilidade existe - afinal, os próprios escritores amam diminuir a distância entre a sua categoria e os homens comuns,

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

frequentemente nos garantem que em cada indivíduo se esconde um poeta e que o último poeta desaparecerá com o último homem (FREUD, 1908, p. 326).

Por meio dessa pesquisa, portanto, tomando a coragem e impertinência de retomar um questionamento freudiano de um século atrás, colocamos que tal atividade humana que se assemelha à criação literária dos poetas seria o sonho. O sonho dormido, o sonho acordado, o sonho recorrente, o sonho inoportuno, o sonho de prazer, o sonho de medo. O sonho seria, segundo Jorge Luis Borges (1986, p. 5): “o mais antigo e o não menos complexo dos gêneros literários”. Do mesmo modo, como coloca Clarice em relação à pintura - estendendo a reflexão à escrita - “não se precisa saber pintar: qualquer pessoa, contando que não seja inibida demais, pode seguir essa técnica de liberdade. E todos os mortais têm subconsciente” (LISPECTOR, 1978, p. 56).

Assim, podemos afirmar que aquilo que nos permite escrever é aquilo que nos permite sonhar: o desligamento - ou melhor, afastamento - da realidade convencional e cotidiana e o abraçar daquilo que está atrás do pensamento, daquilo que não é raciocínio (LISPECTOR, 1973). Mas, acima de tudo, é exigido coragem, coragem não só de sonhar, como dito anteriormente, mas coragem de escrever e materializar o que é vago, difuso e fora das convenções, de modo a dar forma - por meio de letras, que não passam de rabiscos com sentido - àquilo de mais íntimo e pessoal que nos atravessa. Escreve Clarice, “é preciso coragem para escrever o que me vem: nunca se sabe o que pode vir e assustar” (LISPECTOR, 1973, p. 71).

Através da presente pesquisa, pudemos perceber como as bordas entre Psicanálise e Literatura são turvas. Esse espaço turvo emerge como uma fronteira de oportunidades e o relacionamento embaçado entre ambas as correntes abre-se como um caminho a ser percorrido. Buscou-se trazer a Literatura de forma ainda mais incisiva para a Psicanálise, considerando-a uma via de conhecimento indispensável à formação clínica, tal como Freud já definia.

Dessa forma, destacamos como o processo de criação é potencializado pelos sonhos - uma vez que todos sonham, todos têm a possibilidade de escrever. O processo de criação pode ser expandido para aqueles escritores não renomados nem profissionais - pois todos, de alguma forma, somos escritores - e pode-se, até, conquistar um processo terapêutico através da literatura. Através das palavras é tido um maior contato com aquilo que está inconsciente. Ao compararmos o processo de criação artística ao processo de criação onírica, afirmamos que a Literatura torna-se uma ferramenta disponível a todos aqueles que sonham. O inconsciente que antes se fazia presente apenas através dos sonhos, agora pode ser manifestado através da escrita intencional, de palavras - que fazem sentido ou não - frases, métricas e escolhas aleatórias de fonemas.

Referências

BRANCO, Lucia Castello. *Surrealismo e Psicanálise: Em que real se entra?* p. 128-133. Literatura e Sociedade, 2007.

BORGES, Jorge Luis. *O livro dos sonhos*. Tradução de Cláudio Fornari. 4 ed. São Paulo: Editora Difel, 1986.

STEFAN. When Dalí met Freud. *Freud Museum London*, 2019. Disponível em: <https://www.freud.org.uk/2019/02/04/when-dali-met-freud/>

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. *Freud e Machado de Assis: Uma interseção entre psicanálise e literatura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

FREUD, Sigmund. *Interpretação dos sonhos* (1900). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. O delírio e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen (1907). In: FREUD, Sigmund. *O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund. O escritor e a fantasia (1908). In: FREUD, Sigmund. *O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund. O infamiliar (1919). Tradução: Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. In: FREUD, Sigmund. *O infamiliar e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREUD, Sigmund. Sobre os sonhos (1901). In: FREUD, Sigmund. *Psicopatologia da vida cotidiana e sobre os sonhos*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GOMBRICH, Ernest. *As teorias estéticas de Sigmund Freud*. São Paulo: Percurso, 1995.

KON, Noemi, Moritz. *Freud e seu duplo: Reflexões entre Psicanálise e Arte*. 2a ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva* (1973). Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela* (1977). Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. *O lustre* (1946). Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida* (1978). Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MENESES, Adélia Bezerra de. *O sonho e a literatura*. p. 187-209. São Paulo: Psicologia USP, 2000.

RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite: A história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Ray da Silva; FERREIRA, Sara Goretti; SANTOS, Daiane Menezes. Literatura e psicanálise: A presença do inconsciente na escrita de Clarice Lispector. In: SOUSA, Ivan Vale de. *Letras, Linguística e Artes: Perspectivas críticas e teóricas*. Paraná: Atena Editora, 2019.

SCHNITZLER, Arthur. *Breve romance de sonho*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Schwarcz, 2008.